

Desafios do ensino de sociologia: uma experiência do PIBID no Liceu de Humanidades de Campos

Anderson de Souza Alves¹,
Ana Beatriz Pires dos Santos²,
Gabriel Bastos Ribeiro³,
Julius Cezar Felício⁴,
Mariana Gomes Coelho⁵,
Mayara Souza Miranda⁶,
Thaylana Aparecida Pimenta Britto⁷,
Carlos Eugênio Soares de Lemos⁸,
Flávia Mendes Ferreira⁹,

Resumo

Em parceria entre Universidade Federal Fluminense e a Escola Estadual Liceu de Humanidades de Campos, dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso em Ciências Sociais, os pibidianos e a professora da citada escola, por meio de reuniões teóricas semanais e acompanhamento do cotidiano escolar, elaboraram uma atividade pedagógica - uma oficina de cartazes - sobre o tema Política, Poder, e Estado aos alunos do 3º ano do ensino médio na disciplina de sociologia. Os bolsistas aplicaram e acompanharam a atividade em sala de aula e, por fim, corrigiram os discursos apresentados. A atividade teve por objetivo compreenderem as metodologias eficazes de pesquisa, fora e dentro da sala de aula, assim como reflexão sobre as bases teóricas de sustentação das práticas de ensino. Para além disto, a atividade revelou muitos desafios para o ensino da disciplina uma vez que foi possível perceber o difícil processo de construir a imaginação sociológica por parte dos alunos da rede básica de ensino.

Palavras-chave: ensino, sociologia, PIBID

¹ Aluno do 6º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

² Aluna do 7º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

³ Aluno do 4º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

⁴ Aluno do 4º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

⁵ Aluna do 4º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

⁶ Aluna do 4º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

⁷ Aluna do 7º período da licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal Fluminense, bolsista do projeto PIBid coeducação de gerações

⁸ Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense, pólo Campos dos Goytacazes, coordenador do Pibid Coeducação de gerações

⁹ Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, professora de Sociologia da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Professora e Coordenadora de sociologia da Fundação de Apoio a Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro, Supervisora do Programa Institucional Bolsa de Iniciação à docência.

Challenges of sociology teaching: PIBID's experiment in Campos's Liceu de Humanidades

Abstract

Within a partnership between High School Liceu de Humanidade of Campos and the Social Sciences course of Universidade Federal Fluminense, involved in the Institutional Scholarship Initiative Program (PIBID), the graduated students and the teacher of school have gathered daily and observed the school routine to elaborate an educational activity – a “poster workshop” – concerning politics, power, and state for the students of last year of the high school . The Students implemented and monitored the activity in the classroom and, finally, corrected the presented speeches. The objective of this activity was to understand the effective methodologies of research outside and within the classroom, as well as the theoretical bases of support of teaching practices. In addition, the activity revealed many challenges for the teaching of the discipline since it was possible to perceive the difficult process of constructing the sociological imagination on the part of the students of the basic education.

Key words: teaching, sociology, PIBID

Introdução

Desde que a lei n. 11.684/08, que inclui a disciplina de sociologia como obrigatória nas três séries do ensino médio, foi publicada, muito temos discutido sobre a formação de professores, a elaboração do currículo, a organização dos estágios e tantos outros desafios no estabelecimento dessa disciplina no currículo da educação básica. Neste processo, devemos levar em consideração a intermitência que caracterizou a presença da sociologia na educação básica ao longo do século XX, resultado de diversas disputas nos campos político, econômico, corporativo e educacional. Disputas estas que ainda hoje são travadas para legitimar a presença da sociologia no currículo e no cotidiano da escola, numa trajetória similar a que vem se dando com a disciplina de filosofia.

Neste contexto, o presente trabalho é resultado de uma parceria entre a escola e a universidade, com base no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ele é fruto de uma atividade desenvolvida dentro do projeto Coeducação de gerações, do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, no pólo da cidade de Campos dos Goytacazes, norte do Estado do Rio de Janeiro, e conta com a participação da Escola Estadual Liceu de Humanidades de Campos, a mais antiga escola pública da região.

O projeto PIBID Coeducação de gerações, em nosso propósito de colaborar para a formação dos futuros professores, procura fazê-lo a partir de um olhar que privilegia as questões geracionais envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, muito embora o nosso foco esteja colocado sobre a prática pedagógica, estabelecemos três linhas de ação para os bolsistas envolvidos: a) a pesquisa fora e dentro da sala de aula como modo de conhecer o educando; b) a discussão sobre os desafios da construção de metodologias mais eficazes; c) a reflexão sobre as bases teóricas de sustentação das práticas de ensino que desenvolvemos no cotidiano da sala de aula.

Com base no segundo ponto proposto de nossas ações, a partir de uma atividade desenvolvida pelo citado projeto PIBID Coeducação de gerações, tivemos a oportunidade de analisar alguns dos desafios que o professor de sociologia enfrenta na elaboração de estratégias que permitam ao aluno do ensino médio desenvolver a imaginação sociológica – metodologia com o fim repensar as rotinas cotidianas para além do que é designado comum por meio de pressupostos sociológicos. A reflexão promove capacidade de interferências no seu meio familiar, religioso, econômico e social, de modo que ele possa construir um pensamento crítico sobre as questões sociais, para desnaturalizar padrões tidos como

"normais" no cotidiano e, ao compreender a diversidade do mundo social, vivenciar uma cultura de respeito aos direitos humanos. Neste sentido, o objetivo deste relato é o de partilhar um pouco das inquietações dessa experiência.

A atividade: confecção de cartazes com imagens e elaboração de texto sobre o conteúdo da disciplina

O Projeto PIBID: Coeducação de gerações está no seu segundo ano e, ao longo desse período, diversas atividades foram desenvolvidas nas escolas envolvidas e, no caso específico deste trabalho, no Liceu de Humanidades de Campos. Os licenciandos acompanham regularmente a supervisora na escola, a fim de se aproximarem das práticas desenvolvidas no ofício de professor de sociologia. Para isso funcionar adequadamente, estabelecemos uma escala de horário em que todos os alunos passem pela escola nos diversos momentos da aprendizagem e da experiência escolar, desde a elaboração da aula às correções das atividades, do bate-papo com os alunos às conversas informais com os professores de outras disciplinas na hora do intervalo.

A escola Liceu de Humanidades de Campos, tombada pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1988, é uma escola tradicional na cidade de Campos dos Goytacazes e está localizada na Praça Barão de Rio Branco, área central do município. Foi construída originalmente para servir como morada do Barão e da Baronesa da Lagoa Dourada, ainda no século 19, porém, atualmente, atende cerca de 3 mil alunos matriculados, somando os do curso regular (ensinos fundamental e médio, nos períodos da manhã, tarde e noite) e dos cursos idiomas.

A escola vivencia as mesmas dificuldades enfrentadas por várias outras escolas da rede de ensino do Estado, como é o caso da regência da disciplina de sociologia, em que a única professora da escola formada na área é a supervisora do projeto PIBID Coeducação de gerações. Essa professora leciona em seis das nove turmas da terceira série, enquanto que as demais turmas da escola têm aula de sociologia com professores de história, geografia ou filosofia. Ainda que os alunos não deixem de ter aula de sociologia nas duas primeiras séries do ensino médio, é perceptível que os conteúdos dessa disciplina não são priorizados, pois os alunos chegam à terceira série ainda sem compreenderem o que é a disciplina sociologia e o que ela realmente estuda.

Além de acompanharem regularmente a professora supervisora, os licenciandos, bolsistas do PIBID, futuros professores, se encontram semanalmente na universidade, onde

acontecem as discussões sobre os textos que são previamente indicados, apresentação dos resultados das pesquisas realizadas com os alunos do ensino médio, relatos das estratégias metodológicas das aulas nas quais participaram, enfim, a troca de experiências com as professoras supervisoras e o professor coordenador do projeto na universidade. Contudo, até então, para os bolsistas envolvidos neste projeto específico, nenhuma experiência havia sido tão rica, própria do ofício e até mesmo inquietante, do que a de elaborarem, aplicarem e, principalmente, corrigirem as atividades dos alunos.

Ainda que, como cientistas sociais, sejamos críticos das várias burocracias presentes no ambiente escolar, a disciplina de sociologia faz parte do currículo do ensino médio e, sob um tempo que é controlado, está inserida no mesmo contexto de cobranças das demais disciplinas: de cumprir nas aulas o conteúdo que é estabelecido no currículo mínimo, de aplicação de atividades avaliativas no formato de prova; da elaboração e execução da recuperação paralela; do preenchimento dos diários dentro dos moldes propostos pela coordenação; da participação no conselho de classe e promoção do aluno. Tudo isso para que, ao final do bimestre, o aluno tenha uma nota, e esta determinará se ele foi aprovado ou não na disciplina. Essa dinâmica e tudo que ela envolve nem sempre é percebida pelo aluno da universidade e, em alguns casos, é até mesmo negligenciada.

Com o objetivo de aproximar os alunos do PIBID dessas demandas enfrentadas pelo professor no dia a dia da escola, foi desenvolvida uma proposta na qual os bolsistas ajudariam na elaboração de uma atividade a ser desenvolvida pelos alunos do ensino básico, auxiliando em sala de aula na execução da tarefa e posteriormente na correção coletiva. Essa experiência tornou-se rica para o aprendizado dos futuros professores, pois no âmbito de sua formação na universidade, eles, em função do estágio, acompanham as aulas na escola, preparam o plano de aula, têm a experiência de dar uma aula, mas não chegam a avaliar o aprendizado dos alunos a partir da aula ministrada. Desta forma, a experiência de propor uma atividade, auxiliar os estudantes na execução e corrigir posteriormente, trouxe novas perspectivas sobre a dinâmica do ensino da sociologia no ensino médio para os alunos bolsistas do PIBID.

No Estado do Rio de Janeiro, a secretaria de educação – SEEDUC – possui um currículo mínimo para todas as disciplinas da educação básica. Esse currículo sinaliza um tema e as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas com os alunos do ensino médio em cada bimestre. No caso da atividade que foi desenvolvida pelos bolsistas do PIBID e a professora supervisora, no segundo bimestre, o tema para o 3º ano do ensino médio foi "Poder, Política e Estado". Em relação a esse tema, devem ser trabalhadas as seguintes habilidade e competências:

Compreender as diferentes formas de exercício do poder e da dominação, identificando os tipos ideais de dominação legítima. Identificar as diversas maneiras de organização do poder no Estado, bem como as relações entre as esferas públicas e privada no Estado Moderno. Compreender o processo histórico e sociopolítico de formação do Estado brasileiro. Compreender o princípio da divisão dos poderes e a organização dos sistemas partidário e eleitoral do Estado brasileiro. (CURRÍCULO MÍNIMO. Sociologia. Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação, 2012.)

O processo de escolher como seria a atividade envolveu todos os bolsistas. Foi proposta uma atividade aos alunos das turmas de 3º ano, na qual eles elaborariam um cartaz com imagens e, posteriormente, um texto explicando o uso dessas imagens, tendo por base o tema estudado em sala de aula no bimestre, ou seja, "Poder, Política e Estado". A partir desse tema principal, no decorrer das aulas do bimestre, foram abordados eixos como os diversos tipos de Estados. Os próprios alunos pesquisaram e fizeram exposição sobre essas formas de poder em sala de aula, auxiliados pela professora e os bolsistas. Também foram estudados temas como representação e partidos políticos, a configuração política do nosso país e a divisão dos três poderes dentro da federação. Ocorreu ainda uma atividade a partir do filme *A Onda*, em que, a partir da construção de um texto, os alunos deveriam, realizar uma análise que relacionasse os pontos que mais chamaram a atenção no filme e o que foi discutido em sala de aula sobre o nazismo, o fascismo e, de como essas ideias podem aparecer em diferentes ambientes e contextos.

Então, dentro do tema trabalhado, os alunos escolheriam um dos eixos ou poderiam optar por abordar todo conteúdo estudado em sala de aula no bimestre, ficando livres para retratar em seus cartazes o que mais gostariam ou teriam aptidão de falar sobre. As imagens poderiam ser retiradas de jornais, revistas, ou internet. Os alunos tiveram um prazo de mais ou menos duas semanas para preparar as imagens e, caso fosse necessário, tirar dúvidas com a professora. No dia marcado para a confecção dos cartazes, foram disponibilizadas imagens coletadas pela professora e integrantes do PIBID, como uma forma de auxiliar os alunos que acaso tivessem tido dificuldade em encontrar imagens. No dia da atividade os integrantes do PIBID acompanharam a confecção da atividade, estando disponíveis para ajudar os alunos caso precisassem.

Entendemos que deixando os alunos livres para escolha de seu eixo, eles teriam uma boa desenvoltura e facilidade na hora de redigir o seu texto, não tendo que ficar presos e limitados a apenas um dentre os vários eixos temáticos discutidos em sala de aula. E que colheríamos também diferentes versões e visões sobre tudo o que foi trabalhado em sala de

aula, podendo ter diversas perspectivas e percepções sobre o mesmo conteúdo. Na intenção de dar liberdade e colher uma pluralidade de respostas e panoramas sobre o conteúdo estudado, nós realizamos a atividade em questão.

A aplicação da atividade em sala de aula ocorreu de forma tranquila. Os alunos, na sua maioria, levaram o material necessário para elaboração do cartaz, inclusive nos chamou atenção a qualidade das imagens que eles selecionaram. As turmas foram divididas em duplas ou trios. Ocorreram casos de duplas ou trios que trabalharam em conjunto com colegas de outros grupos, todavia isso não se constituiu como um problema, ao contrário, essas duplas ou trios apresentaram cartazes diferentes, não houve problemas com cópias, embora algumas imagens inevitavelmente se repetissem, os trabalhos eram todos bem originais. As imagens que mais chamaram a atenção dos alunos e, por vezes, apareceram repetidas foram as que traziam conteúdos sobre corrupção e desigualdade social.

Considerações sobre as atividades

Alguns alunos produziram trabalhos excelentes, em que conseguiram não só associar de maneira clara e objetiva as imagens ao texto/legenda, interpretando-as de forma correta, como também assumiram um posicionamento mais crítico e coeso diante da realidade analisada. Contudo, infelizmente, estes foram bem poucos, pois a maioria se encaminhou para a reprodução do que está colocado pela mídia, sem ao menos problematizar considerando os vários lados que existem numa mesma questão.

A atividade 1 foi selecionada pelos bolsistas PIBID como a melhor. O grupo de alunos do ensino médio, responsável pela atividade, escolheu temas que foram abordados em sala de aula. Assim, trabalhou com as seguintes questões: o nazifascismo e os seus resquícios na atualidade; a noção de poder, não se limitando à compreensão do poder apenas como aquele que é exercido pelo Estado ou pela polícia, mas como o poder está presente em várias relações no cotidiano dos alunos¹⁰.

¹⁰ Não haverá alteração na forma como os alunos escreveram seus textos, permanecendo eventuais erros de ortografia e concordância.



Imagem 1

Poder significa a capacidade de agir, ou de determinar o comportamento de outras pessoas. As relações de poder perpassam todas as relações sociais. O Nazismo e o fascismo como por exemplo, que não é pacífico, foram movimentos antiliberais e também anticomunistas que exerciam muito poder, e de certa forma, controlava o povo, fazendo assim com que os mesmos reverenciassem os seus líderes, usassem símbolos, bandeiras, entre outras características que chamassem atenção para tal movimento. Mesmo com o fim desse modelo de Estado, hoje ainda é possível encontrar diversos grupos e partidos que defendem os ideais nazifascistas. (Trecho do texto do trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da 3a. série do Ensino Médio – Atividade 1)

Como dito anteriormente, além das ideias nazifascistas terem sido trabalhadas em sala de aula, os alunos assistiram ao filme *A onda* para elaborarem uma outra atividade que fez parte do mesmo bimestre, uma análise sobre como as ideias fascistas podem reaparecer nos dias atuais, a partir de discursos, posicionamentos, símbolos e ideias.

O poder está em toda parte, obviamente o poder acontece onde há um que se acha superior. Na mídia, por exemplo, vemos claramente o poder acontecer. As pessoas passam tempo demais em frente a TV, logo, se tornam facilmente manipuladas, seja assistindo novela, telejornal, etc. Na mídia há padrões de comportamentos, beleza, moda, então as pessoas começam copiar e a seguir. O mundo passa tempo demais em frente a TV, na internet, e no celular, que são extremamente importantes para todos, a maioria das pessoas não vivem sem, então a indústria cultural se aproveita disso (...) é por isso que acostumamos ouvir que a mídia representa o 'quarto poder'. (Trecho do texto do trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da 3a. série do Ensino Médio – Atividade 1)

Essa atividade foi elaborada por três alunas, que assim como os demais colegas, estão tendo o primeiro contato com os autores e os conceitos da sociologia no terceiro ano. É possível perceber na forma como elaboraram o cartaz que as alunas compreenderam o conteúdo estudado em sala de aula, inclusive porque elas fazem referência à questão da mídia em nossa sociedade, que foi abordado no bimestre anterior, o que demonstra que elas

conseguiram fazer ligações entre os conteúdos. Da mesma maneira, quando começam sua explicação abordando que o poder está em toda parte, este é um raciocínio que vai além do que o senso comum compreende, o poder apenas nas relações entre o Estado e a sociedade.

Partidos e suas influências: O Brasil é composto por vários partidos, que são vítimas de críticas do senso comum que acredita que todo partido é composto por ladrões, mas nem sempre é assim. Atualmente a nossa política está passando por críticas absurdas, as informações que temos são aquelas vindas da mídia, que influenciam nossa concepção. A política é manipuladora? Sim, mas porque nos deixamos manipular, não corremos atrás de informações verídicas. O poder está em mãos erradas ou o povo está errado? As ideias variam de acordo com os argumentos. (Trecho do texto de um trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da 3a. série do Ensino Médio – Atividade 1)

Esse parágrafo foi o que mais chamou atenção no momento da correção das atividades, uma vez que enquanto a maioria dos colegas não ultrapassou o senso comum e reproduziu ideias difundidas na sociedade de que todos os partidos são iguais, que todos os políticos são corruptos, de naturalização dos casos de corrupção, não problematizando o assunto de maneira sociológica, essas alunas conseguiram ir além, fazendo elas próprias a crítica ao senso comum, à manipulação da mídia, à falta de interesse por parte da população de buscar novas fontes de informação.

Em alguns trabalhos, por mais que as imagens fossem boas, tenham sido bem escolhidas e de acordo com o tema, os textos deixavam a desejar ou não condiziam com o que estava expresso no cartaz. A parte de selecionar as imagens de acordo com os eixos escolhidos não foi em si o problema, porém no momento de interligá-las ao texto, notamos a dificuldade que os alunos têm com interpretação e até mesmo na escrita. Em alguns trabalhos, os textos eram bem soltos e não condiziam com as imagens expostas, ou seja, muita dificuldade na formulação de um texto coerente, lógico e coeso, alguns até apresentando erros ortográficos, e sem muita compreensão em sua formulação. Também pudemos observar que os alunos se deixaram levar pelo senso comum e pela mídia, faltando uma opinião crítica e convincente a respeito do tema, e escrevendo textos em que estava ausente a presença crítica e desnaturalizadora da sociologia. Vale ressaltar que alguns alunos tentaram explicar com suas palavras as imagens selecionadas, mas não conseguiram romper com a visão dominante.

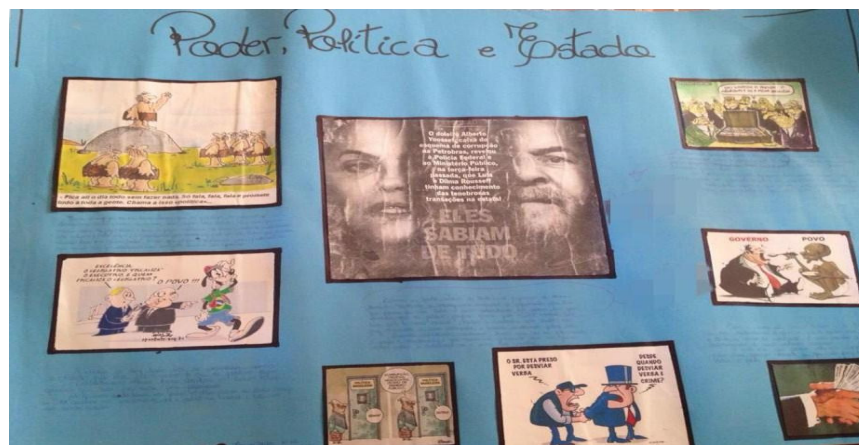


Imagem 2

A atividade 2 foi escolhida para ser exemplificada dentre as atividades que, do ponto de vista sociológico, mostraram alguns problemas em sua elaboração. Os alunos usaram nesse cartaz a capa da revista *Veja* de 2014, publicada às vésperas do segundo turno da campanha presidencial. A imagem poderia ser analisada a partir das desnaturalizações que foram estudadas em sala de aula na disciplina de sociologia, como uma visão problematizadora e não dicotômica da realidade, a conexão entre a perspectiva micro e macro da vida social, a relação da mídia com a política partidária, o papel da educação na formação do sujeito político, a importância do processo histórico para a compreensão do presente, o não determinismo e vitimismo social, entre outras tantas observações. No entanto, os alunos se limitaram a reproduzir uma visão generalizante da realidade, escreveram o seguinte sobre a imagem da capa:

Dilma e Lula sabiam de tudo e se fizeram de desentendidos. Tentando e conseguindo enganar a população, que tem que parar de ser boba e ficar acreditando em todas as promessas que os políticos fazem. Desse jeito nunca vamos evoluir com o nosso Brasil. Aceitar e concordar com tudo nos faz alienados a essa corrupção, e assim andamos para trás. (Trecho do texto de um trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da 3a. série do Ensino Médio – Imagem 2)

Esse trabalho também foi escrito por três alunas, de turma diferente das alunas da atividade 1, mas que tem o mesmo histórico em relação ao contato com a disciplina de sociologia. Tiveram aula da disciplina com professores que não são da área das ciências sociais. Não queremos aqui colocar em xeque a formação dos professores que lecionaram para esses alunos nas duas primeiras séries do ensino médio, mas apontar que talvez o rigor sociológico seja necessário para auxiliar os alunos naquilo que as orientações curriculares nacionais estabelecem como o objetivo da disciplina dentro do ensino básico. Este pode ser o motivo dos alunos chegarem ao terceiro ano sem saber do que se trata a disciplina, inclusive

estranhando o fato de a professora passar conteúdo, textos, vídeos, trabalhos, atividades avaliativas, como as demais disciplinas.



Imagem 3

A atividade 3 é outro exemplo de como alguns alunos chegam em sala de aula com uma visão generalizante, atomista, simplificadora e, em alguns casos, preconceituosa sobre determinados temas. Neste contexto, fazer o exercício de pensar sociologicamente, além de não ser simples, gera incômodo e resistência, uma vez que a desnaturalização da realidade pode colocar em questão o caráter absoluto de algumas visões que os alunos trazem de sua experiência cotidiana, decorrentes de sua socialização primária na cena familiar, tais como a naturalização das desigualdades de classe, gênero, cor, etnia, filiação religiosa, entre tantas outras diferenças que se transformam em assimetrias no cotidiano.

No caso específico da atividade da imagem 3, houve uma dificuldade por grande parte dos alunos em romper com o discurso hegemônico da grande mídia. Eles levaram boas imagens ou charges para a elaboração da atividade, mas na hora de interpretarem não foram além do discurso de programas sensacionalistas, ou, nos casos mais radicais, apenas fizeram uma transposição de um discurso moralista religioso.

Ultimamente a política no Brasil não tem sido levada a sério por conta da quantidade de corrupção por parte da política. Os políticos que se encontram no poder estão roubando cada vez mais esquecendo da população e dos lugares públicos que possuem a necessidade de reforma e abastecimento como escola e hospitais. Parte da população de baixa renda se deixa levar pelas promessas de casas, alimento e até dinheiro em troca de votos pensando que vai haver alguma mudança, mas na verdade, eles prometem e nunca cumprem. Enfim, para conseguir

uma política melhor, só com um milagre. Pois os eleitores precisam ter consciência de quem eles vão eleger porque pode acabar prejudicando o país. (Trecho do texto de um trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da 3a. série do Ensino Médio – Imagem 3)

Desta forma, aquilo que as Orientações Curriculares Nacionais ressaltam, “que só é possível tomar certos fenômenos como objeto da sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento, que sejam colocados em questão, problematizados”¹¹ exige do professor que não se afaste da realidade dos alunos, para que esta disciplina faça sentido, já que a sociologia, diferente de outras ciências tem seu objeto de estudo comentado e debatido em todos os lugares, diferente de ciências como a biologia e a física, por exemplo.

Considerações sobre o processo de correção das atividades

A correção das atividades foi o momento que mais chamou atenção dos bolsistas PIBID, uma vez que durante a confecção dos cartazes pelos alunos do ensino médio, os bolsistas e a professora supervisora estiveram disponíveis para auxiliar e tirar dúvidas. Nesse processo, puderam perceber que, nas seis turmas onde a atividade foi aplicada, todos os grupos de alunos levaram cartolina, cola, tesoura e uma variedade de imagens e charges de qualidade para a confecção dos cartazes, ou seja, se mostraram interessados e empenhados na elaboração do trabalho. No entanto, no momento da correção, os bolsistas perceberam que os alunos, mesmo os que tinham um bom material em mãos, não souberam relacioná-lo com o conteúdo trabalhado em sala de aula na disciplina de sociologia.

O que chamou a atenção dos futuros professores foi o empenho e dedicação de alguns grupos e o pouco interesse de outros. Para a professora supervisora esse comportamento pode ser compreendido pela divisão que há entre os alunos que gostam mais das disciplinas de humanas, incluindo aí a sociologia, e os demais alunos que têm interesse em disciplinas de outras áreas, somada à dificuldade de estabelecer uma relação de empatia com os alunos. É bom lembrar das observações feitas por François Dubet na sua experiência de trabalhar um ano como professor numa escola da periferia em Bordeaux, França,

Realmente, a relação escolar é a priori desregulada. Cada vez que se entra na sala, é preciso reconstruir a relação (...) cada vez é preciso lembrar as regras do jogo; cada vez é preciso reinteressá-los,(...) a gente tem o sentimento que os alunos não querem jogar o jogo e é muito difícil porque significa submeter à prova suas personalidades. (PERALVA; SPOSITO; 1997, p.224)

¹¹ ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: v.3, Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p.107

Nessa atividade foi possível perceber que as turmas foram seduzidas pela confecção dos cartazes, pelo processo de escolha das imagens, pela parte estética que envolvia a atividade, todavia, nem todos tiveram facilidade na elaboração do texto. De certo modo, optar por relacionar as imagens ao texto expôs de maneira mais clara a dificuldade de interpretação e redação desses estudantes, o que não deveria acontecer no último ano do ensino médio, por se tratar de uma etapa em que já deveriam estar prontos para alcançar novos objetivos.

Os alunos chegam ao ensino médio acostumados com a prática de copiar e colar algum material pronto que é encontrado na Internet. Esse procedimento tem dificultado o desenvolvimento da escrita, da criatividade, da reflexão, do exercício de pensar para fora da zona de conforto. Muito embora estejamos inseridos numa sociedade midiática, em que a imagem faz parte do nosso dia a dia, sobretudo para os alunos que tem entre 16 e 19 anos, geração nascida e socializada com as novas tecnologias, esperávamos uma familiaridade maior com o uso e interpretação das imagens. No entanto, o que se deu foi o contrário, podemos perceber que o raciocínio crítico, necessário para desconstrução do que é considerado natural, exige ferramentas que não estão necessariamente disponíveis nas redes por onde os alunos circulam. Neste sentido, a sociologia, a partir da imaginação sociológica, pode oferecer a esses jovens a oportunidade de construir um olhar mais problematizador sobre as desigualdades que estão acostumados a verem em seu cotidiano como naturais.

Considerações finais

A imaginação sociológica para ser desenvolvida requer um exercício de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de sociologia. Como bem define Zygmunt Bauman, não devemos subestimar o impacto que a sociologia causa para aquele que tem um primeiro contato com esta ciência,

Por colocar em questão aquilo que é considerado inquestionável, tido como dado, ela tem o potencial de abalar as confortáveis certezas da vida, fazendo perguntas que ninguém quer fazer e cuja simples menção provoca ressentimentos naqueles que detêm interesses estabelecidos. Essas questões transformam o evidente em enigma e podem desfamiliarizar o familiar. (BAUMAN; MAY. 2010, p.24)

Entendemos, que para o aluno do ensino básico, o primeiro contato com a disciplina de sociologia não é algo tão simples, uma vez que esta ciência questiona o familiar, o que é tido como natural, gera incômodo e resistência. Desta forma, não é simples e fácil alcançar o que está nas orientações curriculares nacionais para a disciplina, desenvolver no aluno a

imaginação sociológica para que desnaturalize a realidade a sua volta, preconceitos, as diversas desigualdades sociais e compreenda sua vida e seu lugar na sociedade, não apenas num viés micro, mas também macro.

Neste trabalho, tivemos a oportunidade de reconhecer as dificuldades que os alunos encontram em desenvolver um olhar sociológico e crítico. Percebemos que a forma como a sociologia é desenvolvida ao longo do ensino médio pode influenciar nesse desenvolvimento, visto que ainda temos casos de professores de outras especialidades atuando na área, e o tempo da sociologia em sala de aula somado ao conteúdo programático, muitas vezes não é hábil e rendoso. Acreditamos que a sociologia é um poderoso artifício para construir futuramente mentes que possam usar a imaginação sociológica e, provocar mudanças no modo de ver e como tratar os padrões sociais cotidianos. Romper com o senso comum e, os ataques midiáticos sensacionalistas, é um exercício que precisamos desenvolver com os alunos, para desconstrução de paradigmas e preconceitos, presentes na sociedade e trazidos por eles para a sala de aula. A sociologia deve ir além de cronogramas e textos, deve promover reflexividade e debates que ampliem a visão crítica e dê a oportunidade do aluno de enxergar e associar as imagens que a sociedade passa para ele em seu cotidiano, e ter o poder de relativizá-las e desconstruí-las, usando a imaginação sociológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A ONDA. (Die Welle). Direção Dennis Gansel. Alemanha. 2008

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

CURRÍCULO MÍNIMO. Sociologia. Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação, 2012.

MILLS, Wright C. A Imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1980.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: v.3, Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

PERALVA, Angelina Teizeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor – Entrevista com François Dubet. Revista Brasileira de educação, nº5, 1997.